

A DINAMIZAÇÃO COMO VALOR NO MODELO DE BERNARD POTTIER

Renata Mancini*

 <https://orcid.org/0000-0001-9813-6157>

Como citar este artigo: MANCINI, R. A dinamização como valor no modelo de Bernard Pottier. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD017109>

Submissão: 22 de maio de 2024. **Aceite:** 3 de junho de 2024.

Resumo: O artigo procura evidenciar a atualidade de algumas hipóteses formuladas por Bernard Pottier (1981) sobre a natureza dinâmica das relações internas do quadrado semiótico, em que propõe uma sintaxe que envolve dois pontos e dois intervalos. Ao incorporar intervalos, esse modelo parece particularmente eficaz para lidar com a gradação, ou seja, com os estados de transição e com a memória do caminho entre dois pontos, o que se relaciona com a análise por dimensões de Hjelmslev (2009). Aplicaremos o modelo para os casos das modalidades veridictórias e das paixões, no plano do conteúdo, e da melodia, segundo o modelo de Luiz Tatit, no que diz respeito ao plano da expressão.

Palavras-chave: Semiótica. Gradação. Modelo de Pottier. Canção. Modalidades veridictórias.

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: renata.mancini@usp.br

INTRODUÇÃO

O papel preponderante dos afetos, da adesão sensível, dos elementos sensoriais na construção de sentido tornou incontornável a abertura da metodologia semiótica para a incorporação do contínuo em seu bojo. Muitas são as propostas atuais nessa direção, mas aqui escolhemos revistar o modelo de Bernard Pottier, proposto em 1981, que já antevia a necessidade de abrigar a gradação (isto é, algum tipo de presença da dimensão quantitativa) como maneira de tratar a passagem do contínuo ao descontínuo ou, o que dá no mesmo, do fluxo sensível à intelecção discretizada, como um processo que demanda relações tensionadas, direcionadas e organizadas hierarquicamente. Nossa reflexão parte da argumentação precisa de Fontanille e Zilberberg (2001), que aponta a análise por dimensões de Hjelmslev (2009), e sua consequente organização em redes, como um caminho elegante para pensarmos nos movimentos e nas transições internos aos polos categoriais. A partir dessa base conceitual, procuramos mostrar o papel preponderante de noções como direção, interdependência, dependências eletivas e hierarquia para argumentar em favor de um processo segundo o qual a contradição se estabelece como abertura e a implicação como fechamento eletivo, na medida em que direciona o restabelecimento de uma coesão categorial. Procuraremos exemplificar as questões teóricas abordadas de modo a mostrar sua potencial produtividade analítica.

O QUADRADO SEMIÓTICO

“Compreende-se por quadrado semiótico a representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer” (Greimas; Courtés, 2008, p. 400). O quadrado semiótico pretende representar graficamente a sintaxe sumária das transformações que ocorrem entre os termos de uma categoria semântica. Tal sintaxe funda-se em relações de *contrariedade*, *contradição* e *implicação*, que são as responsáveis pelas articulações mínimas de uma narrativa.

Esquemáticamente teremos:

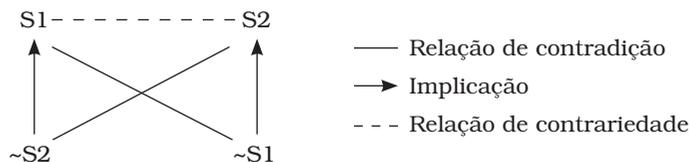


Figura 1 – Quadrado semiótico

Fonte: Adaptada de Greimas e Courtés (2008, p. 401-402).

Embora possua comprovado valor operacional e seja amplamente utilizado nas análises de textos, o quadrado semiótico tem sido alvo de críticas, seja no que concerne ao estatuto da relação de contrariedade, seja pelo fato de recobrir uma ampla gama de estruturas heterogêneas, dada a amplitude de seu emprego (cf. Lopes, 2002, p. 100-124). Há pouca divergência, no entanto, de que o ponto sobre o qual recai a grande maioria das críticas à sua estrutura lógica diz respeito às relações de complementaridade. De fato, tal como concebido por Greimas,

o percurso entre S1 e S2 pressupõe uma implicação entre $\sim S1$ e S2 (assim como entre $\sim S2$ e S1), implicação esta que não é absolutamente evidente. Bernard Pottier (1981, p. 16) demonstrou que o domínio semântico fundamental das línguas naturais não é coberto por relações de contrariedade (por exemplo, quente *versus* frio), mas sim por relações de complementaridade (calor *versus* não calor). Como a relação de complementaridade *engloba* a relação de contrariedade, não podemos afirmar que $\sim S1 \rightarrow S2$ (não S1 implica S2). No caso do nosso exemplo, não quente não implica necessariamente frio, porque poderia implicar igualmente *frio, morno, atérmico*. A questão talvez ainda não tenha sido explorada com a atenção devida, notadamente se considerarmos o papel central do quadrado dentro da teoria semiótica.

Fontanille e Zilberberg (2001), em *Tensão e significação*, retomam o problema do quadrado semiótico, partindo de uma perspectiva mais analítica. Segundo esses autores, ao contrário do que leva a crer a estrutura canônica do quadrado semiótico, os termos que o compõem não seriam entidades simples, mas sim entidades analisáveis ou ainda “complexas”. A partir daí, a questão passa a ser a elaboração de um modelo capaz de analisar não apenas o quadrado, mas também cada um de seus elementos. O ponto de partida teórico de Fontanille e Zilberberg (2001) para colocar em novos termos os problemas da *implicação* e da *gradação* no quadrado semiótico foi a glossemática de Hjelmslev (2009).

Investigando a natureza das categorias morfemáticas, Hjelmslev (2009, p. 49-52) foi levado a propor o que ele chamou de *análise por dimensões* (p. 106) como forma mais apropriada para tratar das relações entre uma categoria e seus termos. A resultante do entrecruzamento de ao menos duas dimensões é denominada *rede*.

De acordo com esse ponto de vista, o quadrado semiótico “toma a forma de uma rede que associa ao menos duas dimensões ligadas por uma função” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 70). Por definição, as grandezas pertinentes a essa *rede* devem ser consideradas complexas. Porém, para que o quadrado seja assim interpretado, a sintaxe fundamental deve ser preservada nesse modelo.

Assim, em vez de conceberem a contradição como o abandono de um domínio semântico – já que isso implicaria supor a homogeneidade deste –, os autores sugerem uma componente quantitativa, isto é, extensiva, que estaria subjacente a essa relação. E como entre a extensividade e a intensidade há uma dependência mútua, não é possível conceber uma sem a outra. Dado um termo complexo, “a contradição tenta dissociar as dimensões que lhe são correlatas, e depois a implicação vem restabelecer-lhes a solidariedade indissolúvel” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 74). A sequência *contradição* \rightarrow *implicação* estaria, então, baseada no fato de que a negação pluraliza e a implicação reduz e concentra (cf. Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 72). Desse modo, a contradição teria o papel de dissociar a dimensão em subdimensões, por agir apenas sobre uma delas, e a implicação definiria de que modo a solidariedade entre as subdimensões de cada uma das dimensões correlatas seria restabelecida, para que a unidade final da categoria fosse recuperada. Em outras palavras, a contradição age fazendo com que as subdimensões fiquem “soltas”, por assim dizer, até que a implicação venha reduzir a relação de uma delas à relação de solidariedade com uma das subdimensões da dimensão correlata.

Depreende-se de tal fato que a seletividade das operações depende da própria correlação de uma categoria com aquelas de seu entorno, o que está perfeita-

mente em linha com a proposta hjelmsleviana de que “todo signo se define de modo relativo e não absoluto, isto é, unicamente pelo lugar que ocupa no contexto” (Hjelmslev, 2009, p. 50). Em decorrência disso, temos que a sequência *contradição* → *implicação* incide sobre um domínio semântico heterogêneo, cujas seleções dependem da própria correlação estabelecida entre as dimensões focalizadas. A dimensão composta pelas grandezas beleza/feiura, por exemplo, seguirá diferentes desdobramentos, caso esteja associada à dimensão sensibilidade/insensibilidade estética (como em “Ele é muito feio, tem uma aparência repugnante”) ou à justiça/injustiça (como em “Não brigue com seu amigo. Isso é muito feio!”).

Os autores propõem que, a partir do momento em que optamos por uma *semiótica da dependência e da complexidade* (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 75), aceitamos uma semiótica fortemente implicativa [se → então]. O operador adequado à rede é, nesse caso, a comutação¹. Por exemplo, tomemos duas dimensões quaisquer, arbitrariamente designadas a/b e c/d, respectivamente. A *comutação* consiste no fato de cada um dos valores de uma dimensão selecionar um valor na dimensão correlata, seleção esta que pode ser esquematizada da seguinte maneira:

	c	d
a	ac	
b		bd

Quadro 1 – Matriz de implicação 1

Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 76).

Ou então:

	c	d
a		ad
b	bc	

Quadro 2 – Matriz de implicação 2

Desse ponto de vista, se a negação dissocia as dimensões, a implicação devolve coesão à categoria, e, por essa razão, “a implicação deve ter prioridade sobre a contradição” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 75). Assim, a pressuposição recíproca entre as duas “semirredes”, isto é, ac/bd e ad/bc, responde pela estrutura da categoria. Isso quer dizer que podemos caracterizar os termos contrários como sendo a interdependência entre duas “semirredes” criada por duas implicações [se a então c] [se b então d] – e paralelamente [se a então d] [se b então c]. O que assegura essa implicação recíproca é exatamente a correlação entre as duas dimensões: “é porque a e b selecionam respectivamente c e d

¹ Segundo Hjelmslev (2009, p. 75), “A correlação de um plano que contrai uma relação com uma correlação do outro plano da língua será chamada de *comutação*”.

(relações de dependências ‘eletivas’) que a e b por um lado e c e d por outro estão disjuntos (relações de diferença)” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 76). Em outros termos, a diferença decorre da dependência, desde que esta seja eletiva, ou seja, orientada.

É claro que as possibilidades combinatórias de um sistema sublógico colocam em primeiro plano alguns complexos possíveis (ac/bd), por exemplo, e relegam a segundo plano outros, como (ad/bc). Esse fato seria inerente à própria significação, pois, se todos os possíveis fossem manifestados, “o sujeito se veria às voltas com *universais* e ficaria na impossibilidade de articular o sentido” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 75, grifo dos autores).

O CASO DAS MODALIDADES VERIDICTÓRIAS

Tomemos o caso das modalidades veridictórias para ilustrar o rendimento teórico que advém da análise por dimensões.

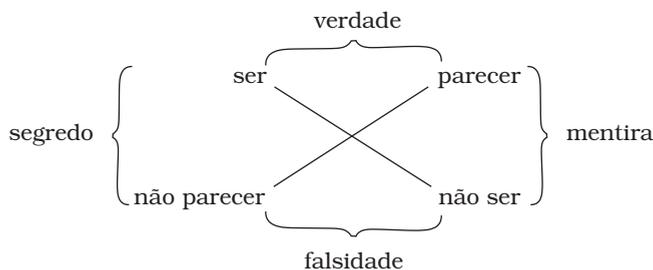


Figura 2 – Quadrado das modalidades veridictórias

Fonte: Greimas e Courtés (2008, p. 532).

As seguintes semirredes são criadas a partir dos valores *ser/não ser* de uma dimensão, e *parecer/não parecer* de outra.

	parecer	não parecer
ser	verdade	segredo
não ser	mentira	falsidade

Quadro 3 – Matriz da veridicção

Fonte: Elaborado com base em Fontanille e Zilberberg (2001, p. 80).

A questão levantada por Fontanille e Zilberberg (2001) diz respeito ao percurso transcorrido para passar do termo complexo (verdade) para o neutro (falsidade). Há duas opções: ou passamos da verdade à falsidade pela negação do *ser* (verdade → mentira → falsidade), ou pela negação do *parecer* (verdade → segredo → falsidade). Em outros termos: qual será a dimensão preponderante no restabelecimento da coesão da rede, a partir da dissociação das dimensões – *ser* e *parecer* – decorrente da negação?

Vale atentar para o fato de que os termos complexo e neutro são os termos contrários de segunda geração. No caso do nosso exemplo, verdade é o termo complexo (*ser/parecer*) e falsidade, o termo neutro (*não ser/não parecer*).

Os diferentes percursos possíveis relativos à passagem entre os termos *falsidade* e *verdade*, seja pela negação do parecer, seja pela negação do ser, são explorados por Diana Luz Pessoa de Barros (2022) e ganham concretude e valor operacional para tratar de discursos mentirosos na internet. A autora propõe quatro percursos distintos, que variam segundo a direção (da verdade à falsidade ou vice-versa) e de acordo com a semirrede selecionada (a negação do parecer ou do ser). São eles: “Percurso ‘A’ falsidade → mentira → verdade; Percurso ‘B’ verdade → segredo → falsidade; Percurso ‘C’ falsidade → segredo → verdade; Percurso ‘D’ verdade → mentira → falsidade” (Barros, 2022, p. 29).

Os percursos caracterizam modos diferentes de veridicção nos discursos. No percurso “A” vamos tratar das fake news, no “B”, dos discursos de falsa revisão da História e da ciência e dos conspiratórios, no “C”, dos humorísticos, como as charges, e dos discursos poéticos em geral; no “D”, dos discursos poéticos “fundadores” (Barros, 2022, p. 30).

A exploração que Barros (2022) faz da lógica das semirredes demonstra o potencial operacional dessa proposta.

O EXEMPLO DA PAIXÃO

Tomemos como exemplo suplementar o quadrado apresentado por Blanché (1967), cujos termos complexo e neutro são “paixão” e “indiferença”.

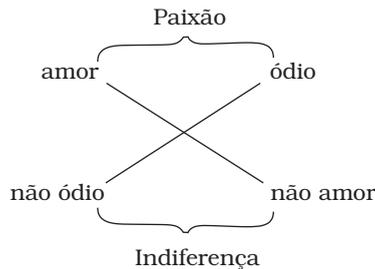


Figura 3 – Quadrado da paixão

Fonte: Blanché (1967).

As dimensões envolvidas são criadas pelas relações entre os valores *amor/não amor*, *ódio/não ódio*. Temos, então, as seguintes opções combinatórias:

	ódio	não ódio
amor	paixão	
não amor		indiferença

Quadro 4 – Matriz da paixão

A questão, uma vez mais, é saber qual a dimensão preponderante na passagem da *paixão* para a *indiferença*. Como já vimos, há duas possibilidades: a partir da negação do *amor* ou, ao contrário, pela negação do ódio.

Assim como no caso das modalidades veridictórias, *paixão* e *indiferença* são termos contrários, cujo caminho de um para outro obedece às relações entre suas subdimensões, isto é, obedece às relações de contradição e implicação “eletiva” entre os valores que compõem cada uma de suas dimensões. E, da mesma forma, *os termos complexo e neutro da primeira geração* (amor/ódio e não amor/não ódio) *determinam os contrários da segunda* (paixão e indiferença).

A LÓGICA DAS REDES NO PLANO DA EXPRESSÃO MELÓDICO

Até o momento, trabalhamos com elementos do plano do conteúdo, mas parece plausível que esse modelo seja adequado também à expressão. Tomemos um exemplo do plano da expressão melódico. Segundo Luiz Tatit, as melodias podem apresentar-se em três grandes modos ou *estilos*: a *tematização* é um deles e se caracteriza pela reiteração de excertos melódicos com o mesmo “desenho”. A *tematização* conta com os parâmetros da aceleração e da concentração da tessitura (a amplitude melódica, por assim dizer) para a sua configuração (Tatit, 1997, p. 103).

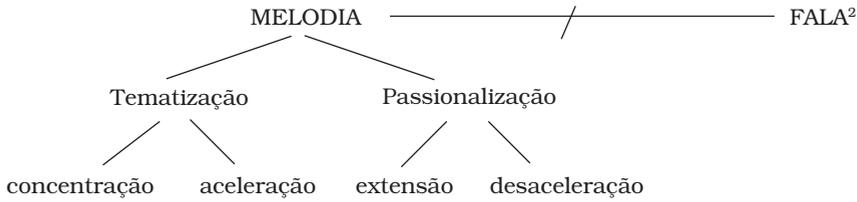
A *passionalização*, ao contrário, prima pela não previsibilidade, apresentando grandes saltos intervalares (expansão da tessitura) e enfatizando as durações (desaceleração). A *figurativização* é o terceiro componente dessa tipologia e representa a simulação da fala na melodia. A *figurativização* é equacionada por Tatit (1997) como a *não tematização* e a *não passionalização*, ou seja, a negação dos componentes melódicos. Nas palavras do autor:

A figurativização enunciativa traz uma complexidade à parte para a análise da canção. Se considerarmos sua interação com os outros dois processos persuasivos (passionalização/tematização), a figurativização é o termo extenso que abrange todos os recursos não passionais, não temáticos e, inclusive, a passagem entre os dois polos. É a neutralização dos investimentos melódicos (Tatit, 1997, p. 143).

Gostaríamos, entretanto, de introduzir uma pequena ressalva com relação a essa formulação, no que diz respeito ao equacionamento da *figurativização* como termo neutro. O termo neutro, por negar os componentes melódicos, talvez pudesse ser visto como a própria fala, a fala em si, por assim dizer – com a instabilidade que caracteriza a descartabilidade do seu plano de expressão – trazida para os limites de uma canção. A *figurativização*, entendida como a simulação da fala na melodia seria, nessa perspectiva, o equilíbrio entre os componentes melódicos, um termo médio, entre tematização e passionalização, um ponto em que nenhum dos dois pudesse dominar. Nessa medida, não poderia ser entendida como o termo neutro, por fazer uso dos componentes melódicos na sua construção, em vez de negá-los.

Assim entendida, a *figurativização*, isto é, a *simulação da fala na melodia*, se distancia da ideia de instabilidade da fala, como no caso da canção “Conversa de botequim”, de Noel Rosa, na qual a entoação da fala é, até certo ponto, estabilizada e recebe um componente de previsibilidade. Já nas primeiras partes de várias das canções de Jorge Ben Jor, ou no “breque” do samba de breque, talvez possamos falar em *presença da fala* na canção (e não simulação), caracterizada pelo elemento neutro que nega os componentes melódicos e instaura a instabilidade e não previsibilidade da entoação.

A tipologia proposta por Tatit (1997) – já incorporada a ressalva feita antes – dependeria, portanto, da seguinte disposição hierárquica de seus componentes:



Ao projetarmos no quadrado semiótico a relação entre a *tematização* e a *passionalização*, teremos:

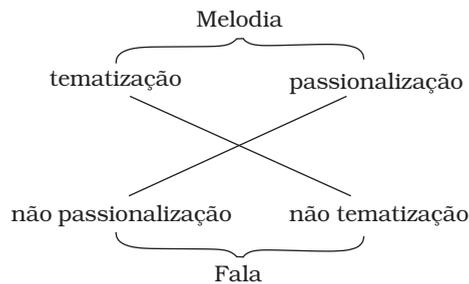


Figura 4 – Quadrado do plano de expressão da canção

Fonte: Elaborada com base na tipologia de Tatit (1997).

Nesse caso, os valores envolvidos na formação das dimensões passionalização e tematização são aceleração/desaceleração e concentração/extensão. A passagem de uma dimensão à outra pode se dar tanto sob a regência da concentração quanto da aceleração.

	aceleração	desaceleração
concentração	tematização	
extensão		passionalização

Quadro 5 – Matriz da canção 1

Análogo ao que foi proposto para os outros exemplos, os termos complexo e neutro de uma geração passam a ser os contrários da geração seguinte. Assim sendo, passionalização/não passionalização e tematização/não tematização são os valores envolvidos na formação das dimensões melodia e fala.

2 Esquema baseado no modelo proposto por Pottier (1981).

	tematização	não tematização
passionalização	melodia	
não passionalização		fala

Quadro 6 – Matriz da canção 2

Apesar de não constar num esquema que abarque grandezas quantitativas, a melodia figurativizada seria, então, decorrência de um equilíbrio entre os componentes temático e passional, em favor de uma dicção oral. A fala, por sua vez, seria a negação de ambos os valores, temáticos e passionais, ou seja, um produto que se desligou do enunciado melódico.

Em suma, ao assumir o quadrado como uma *rede* de relações entre termos complexos, Fontanille e Zilberberg (2001) dão uma grande contribuição aos estudos sobre as operações que garantem sua sintaxe.

É fato corrente que o tratamento de grandezas quantitativas pelo quadrado semiótico representa um problema há tempos sem solução adequada. O exemplo da oposição *rico e pobre* e a passagem de *quente a frio* ilustram imediatamente a questão e trazem à luz de maneira inequívoca a necessidade de incorporação da gradação no quadrado semiótico. Essa necessidade torna-se ainda mais premente com a virada epistemológica que a grande aproximação da semiótica com a fenomenologia – notadamente de Merleau-Ponty (1999) – representou, uma vez que formula a existência semiótica baseando-se no conceito fenomenológico de *campo de presença*. Ao entender a relação sujeito/mundo a partir de seus *modos de existência no campo de presença*, a semiótica passa a conceber tanto o sujeito quanto o objeto como grandezas “quantitativas” que oscilariam entre *plenitude* e *vacuidade*. Nesse cenário, a gradação no quadrado semiótico adquire importância capital.

Os regimes tensivos propostos em *Tensão e significação* (Fontanille; Zilberberg, 2001) dão conta de mostrar que as grandezas semióticas são formadas a partir da correlação – conversa ou inversa – de gradientes orientados, o que traz a gradação para o bojo da teoria. No entanto, como conciliar ambos os tipos de correlação em um único quadrado semiótico? Como passar de um regime de correlações ao outro? Os próprios autores afirmam que “não há passagem contínua entre dois arcos de correlação” e que apenas uma “revolução interna à correlação” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 79) explicaria a passagem de um tipo ao outro. Por terem apresentado apenas uma solução incompleta para o problema, partiremos para a discussão de um modelo que talvez pudesse dar conta da incorporação da gradação entre os termos do quadrado semiótico de maneira mais conclusiva. Trata-se do modelo de Bernard Pottier (1981, p. 16-19), que parte de alguns princípios comuns aos dos estudos tensivos.

Análoga à afirmação de Fontanille e Zilberberg (2001) de que a diferença decorre de uma dependência eletiva, Bernard Pottier (1992, p. 31) parte da ideia de que “o descontínuo é o resultado de uma operação sobre o contínuo” para formular seu esquema de dinamização da relação entre termos complementares.

A questão de base, a partir da qual o autor constrói seu modelo, é a interpenetração dos termos, o que, no limite, se presta a abordar o ponto de inflexão (em que se instaura uma diferença) na passagem de um termo para outro. Pottier (1992, p. 32) propõe duas direções possíveis para tal movimentação: a particu-

larização e a generalização. São essas as orientações previstas para a movimentação entre termos complementares que forjarão seu modelo de dinamização do quadrado semiótico.

Ao levarmos em conta a dinâmica proposta por Fontanille e Zilberberg (2001) para a relação entre dimensões correlatas, observamos exatamente o mesmo tipo de orientação. Isso ocorre porque, ao eleger uma outra subdimensão, o valor de uma dimensão se disjunge de seu companheiro imediato para que, por implicação, seja restabelecida a coesão da categoria com um dos valores da dimensão correlata. Desse modo, observamos que a negação libera as subdimensões e abre o leque de possíveis inter-relações, ao passo que a implicação restabelece uma relação particular que devolve a coesão à rede.

O modelo de Pottier (1992, p. 222) abarca várias questões que nos parecem pertinentes aos estudos semióticos: “o dinamismo semântico, a continuidade intencional, uma possível inversão de percurso e a iteração indefinida do processo”. Além do mais, corrobora as ideias de que o “lugar” de incorporação da gradação no quadrado semiótico é justamente a operação de implicação, da mesma forma que assume que os termos do quadrado semiótico são, de fato, complexos.

A DINAMICIDADE DA GRADAÇÃO

O modelo semântico de Pottier (1981, p. 16-19) nos parece bastante interessante para dar conta de uma série de questões práticas e teóricas de análise de textos, na medida em que incorpora a gradação ao quadrado semiótico, sem se contrapor à sintaxe fundamental sugerida por Greimas.

Segundo Pottier (1981), dados dois termos contrários e complementares *P* e *Q*, é sempre possível postular a existência de um termo *C* que subsome a ambos. Esse termo *C*, por sua vez, contrapõe-se a *não C* ($\sim C$). Tais relações podem ser visualizadas no seguinte esquema:



Alguns exemplos linguísticos citados pelo autor (Pottier, 1981, p. 16):

- Calor (quente-frio)/Atermia
- Paixão (amor-ódio)/Apatia
- Ter bens (rico-pobre)/Não ter bens etc.

De acordo com esse raciocínio, não é possível pensar em rico sem pensar em pobre, assim como não é possível pensar em amor sem pensar em ódio etc., pois esses são termos que se pressupõem mutuamente. Pottier (1981) sugere ainda que a reciprocidade entre *P* e *Q* pode se dar de maneira contínua, de acordo com um regime de dominância entre esses termos. Estipulando as grandezas quantitativas α para *P* e β para *Q*, e dada a complementaridade entre *P* e *Q*, Pottier (1981) postula que $\alpha + \beta = 1$, por definição. Desse modo, quando $\alpha = \beta$, atinge-se um ponto médio que, para o exemplo dos contrários *quente* e *frio*, seria o termo *morno*, precisamente por equilibrar os elementos que configuram a classe englobante *calor*. Esse ponto configura o *termo médio* entre as duas grandezas envolvidas, já que se baseia na relação de equilíbrio ($\alpha = \beta$) entre *quente* e *frio* e não

na sua negação. Portanto, estamos ainda dentro da categoria “calor”, cuja variação depende dos fúntivos *quente* e *frio*. Nos termos da glossemática de Hjelmslev (2009, p. 95), poderíamos entender o *termo médio* no interior da categoria como sendo o resultado de um sincretismo por fusão, em que o que é manifestado é o produto da copresença das grandezas envolvidas, sem que a manifestação autônoma de nenhuma delas seja viável. No exemplo teórico de Pottier (1981), esse ponto seria **PQ**, cuja resolução dependerá somente da orientação do movimento entre os polos **P** e **Q**. Assim, se **PQ** foi atingido pela negação de **P**, sua resolução resultará, no limite, em **Q**. De maneira inversa, chegando a **PQ** pela negação de **Q**, sua resolução tenderá a **P**.

Aplicado ao exemplo da categoria “calor”, o *morno* atingido pela negação do *quente* se resolverá em direção ao *frio* (ou vice-versa). Talvez pudéssemos até propor que o termo *tépido*, por exemplo, seria uma das possibilidades de resolução do sincretismo *morno*, quando o movimento estivesse orientado em direção ao polo *frio*.

Formulado de outra maneira, poderíamos entender esse regime de dominância entre as grandezas quantitativas relacionadas aos termos contrários da seguinte maneira: quando um dos termos – digamos, α – tende a seu máximo, β tenderá a zero. Estaremos, nesse momento, no polo **P**. Com a negação de **P**, inicia-se o deslocamento para o polo oposto **Q**, de modo que α diminuirá gradativamente e β aumentará proporcionalmente à diminuição de α . Temos, então, a situação de dominância de **P**, em que $\alpha > \beta$, até atingirmos o ponto em que a quantidade que foi diminuída de α corresponda exatamente àquela aumentada de β . Teríamos atingido o ponto **PQ**, em que $\alpha = \beta$. A partir desse ponto, a relação entre as grandezas quantitativas se inverte $\alpha < \beta$ e passamos à dominância de **Q**, valor-limite dessa movimentação, em que atingiríamos o máximo de β e o correspondente mínimo de α .

Da mesma forma, se partirmos do polo **Q**, a versão simétrica dessa movimentação se aplicaria. Ou seja, partindo da situação em que β tende a seu máximo e α a zero, passaremos pela zona de dominância de β sobre α ($\alpha < \beta$) até atingir o *termo médio*, o sincretismo entre **PQ**, que se resolverá, no limite, em **P**. Como já dissemos, a orientação do movimento entre os termos (se o ponto de partida foi a negação de **P** ou de **Q**) é responsável pela resolução do sincretismo, que, como vimos, acaba por inverter a dominância entre os domínios **P** e **Q**.

Se presumirmos uma orientação entre essas operações, a negação assume o papel do *gatilho* que dispara o movimento em direção ao polo oposto da categoria. Assim que um dos polos é negado – por exemplo, quando **P** passa para $\sim\mathbf{P}$, ou quando **Q** passa para $\sim\mathbf{Q}$ –, inicia-se o percurso em direção ao polo oposto, nos moldes já descritos. Vale atentar para o fato de que, ao dizermos “negar o polo”, estamos, na verdade, afirmando que o que está sendo realmente negado é o grau máximo ou o grau mínimo (a condição de plenitude e de vacuidade) de cada uma das grandezas envolvidas. Assim, se estamos em **P** ($\alpha \rightarrow 1$; $\beta \rightarrow 0$), ou seja, α tende ao máximo e β ao mínimo, ao passar para $\sim\mathbf{P}$, negamos o ponto de grau máximo de α , para uma zona de sua dominância ($\alpha >> \beta$), e assim sucessivamente.

O *termo médio* **PQ** é, portanto, um ponto em que há a copresença equilibrada dos fúntivos que constituem uma categoria. Entretanto, poderíamos perguntar qual a real diferença entre esse *termo médio* e o *termo complexo* **C**, aqui denominado “categoria englobante”. A questão é que, apesar de ambos os termos –

médio e complexo – possuírem em comum o fato de equilibrar a copresença dos funtivos, eles apresentam uma diferença de grau. O fato de o termo **PQ** equilibrar a copresença dos funtivos “dentro” da categoria faz com que tenha que manipular grandezas quantitativas fora de seus graus máximos de presença. Em outras palavras, para que o equilíbrio entre **P** e **Q** seja atingido, nem **α** , nem **β** poderão estar em seus graus máximos, pois, dentro da categoria, isso implicaria que o outro estivesse em seu grau mínimo (se **$\alpha = 1$** ; **$\beta = 0$** e inversamente).

Já no termo complexo **C**, ambos os funtivos **P** e **Q** se apresentam em seus graus máximos de presença. Isso só é concebível quando o que estiver em jogo não for o movimento entre **P** e **Q**. Ou seja, para que ambos possam estar simultaneamente presentes em seus graus máximos, temos que adotar uma perspectiva externa à categoria. É nesse sentido que podemos dizer que mudamos de nível, ou melhor, de geração.

Assim sendo, ao fixarmos para a análise a geração **PQ**, negar **P** em direção a **Q** (ou vice-versa) é uma situação diferente daquela em que se nega a categoria englobante **C**, do que decorre o termo neutro (**~C**). Nesse caso, temos a negação simultânea de ambos os funtivos que formam a categoria **C**. Inversamente a **C**, em que ambos os funtivos apresentam-se em seus graus máximos, em **~C** ambos se apresentam em seus graus mínimos. Para empregar a terminologia criada por Fontanille e Zilberberg (2001), em **C** teríamos a plenitude de **PQ** e em **~C** teríamos a vacuidade de **PQ**. É somente a partir desse ponto de vista que podemos dizer que o termo neutro (**~C**) representaria uma desconexão, um abandono do domínio de pertinência da categoria **C**.

A formulação contínua da passagem entre **P** e **Q** assume duas condições: 1. a negação é o elemento intensivo responsável pela desconexão das subdimensões que constituem a dimensão em questão (categoria englobante); 2. a implicação passa a ser o *lugar* por excelência da inserção da gradação.

No caso da categoria hipotética, as operações internas passariam a ser representadas da seguinte maneira:

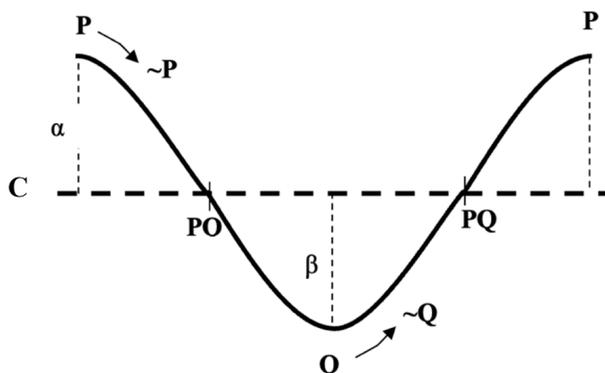


Figura 5 – Modelo de Pottier

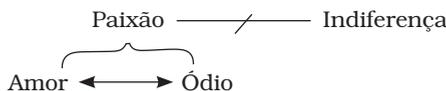
Fonte: Adaptada de Pottier (1981, p. 18).

Nesse diagrama, estão representadas as posições, teoricamente infinitas, englobadas pela categoria **C** (termo complexo entre **P** e **Q**), tendo os funtivos **P** e **Q** por limite e **PQ** por termo médio.

APLICAÇÕES DO MODELO DE POTTIER

A paixão

Como já vimos, a categoria englobante “paixão” é formada pelos funtivos *amor* e ódio. Conforme o esquema proposto por Pottier (1981), a categoria



poderia ser representada da seguinte maneira:

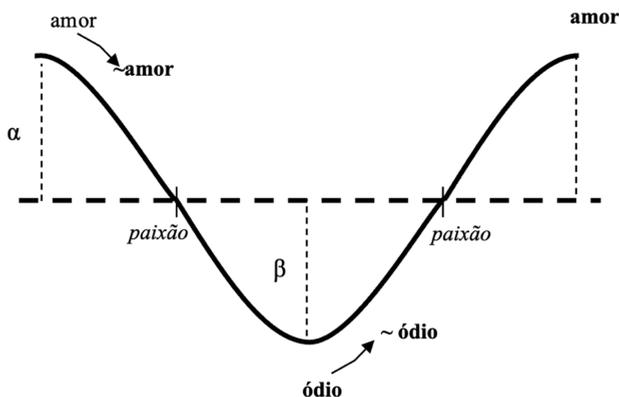


Figura 6 – O modelo de Pottier aplicado à paixão

Ao ingressarmos no terreno mais concreto das exemplificações, contamos com uma facilitação e uma complicação: se, por um lado, a exemplificação faz com que o raciocínio abstrato se torne mais acessível, por outro, ela pode introduzir obstáculos ao entendimento, inerentes ao seu grau de concretude. A categoria “paixão”, por exemplo, nos traz um problema terminológico: ao contrário da categoria “calor”, discutida anteriormente, em que o termo médio é lexicalizado de maneira específica (*morno*), na categoria “paixão” ambos, complexo e médio, são lexicalizados da mesma maneira. Por conta disso, e para evitarmos possíveis confusões, adotaremos a seguinte convenção: o termo complexo será grafado com inicial maiúscula e em negrito, e o termo médio, com inicial minúscula e itálico. Assim, no nosso exemplo, estamos analisando a categoria **Paixão**, cujo termo médio entre seus funtivos é a *paixão*.

A negação de *amor* não implica que tenhamos saído de seu domínio, dado que $\alpha > \beta$. Ao atingirmos o ponto da *paixão*, em que $\alpha = \beta$, não há dominância de quaisquer das dimensões, pois trata-se do ponto de equilíbrio entre ambas. A partir daí, ocorre uma inversão de dominância e entramos na dimensão do ódio, ou seja, onde $\alpha < \beta$.

A ideia principal que perpassa esse esquema é a de que tanto a passagem do amor para o ódio quanto vice-versa se dá sem nunca deixarmos a dimensão da **Paixão**. As variações decorrem, evidentemente, do fato de o estado passional ser

construído a partir da negação do amor, indo em direção ao ódio, ou inversamente, pela negação do ódio em direção ao amor. A negação de ambas as subdimensões da dimensão **Paixão** nos levaria à **Indiferença** (termo neutro), que pode ser entendida como um desligamento ou destacamento do âmbito de pertinência da **Paixão**, o que faz com que tal “movimentação” entre os termos que a constituem perca sentido.

Apontamos anteriormente que os termos complexo e neutro de uma geração do quadrado semiótico transformam-se nos contrários da geração seguinte. Vejamos como isso se aplicaria para o exemplo da **Paixão**. O que na primeira geração era a categoria englobante, na geração seguinte passa a ser um dos funtivos de uma nova categoria englobante. Esquemáticamente:

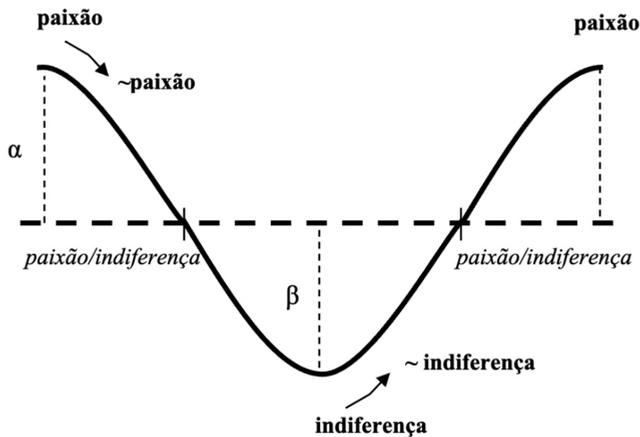


Figura 7 – O modelo de Pottier aplicado à paixão/indiferença

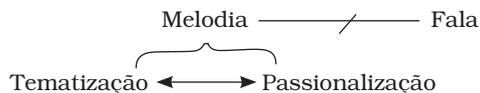
Enfrentamos aqui, mais uma vez, um problema terminológico, pois não encontramos no léxico do português um termo específico que dê conta de exprimir uma categoria englobante da qual os funtivos paixão e indiferença fizessem parte. Essa dificuldade não nos impede, no entanto, de explicitar o funcionamento da lógica organizadora dessa categoria.

Entretanto, a questão que se coloca naturalmente é como passar de uma geração a outra? Para respondermos a essa questão, retomemos a lógica das redes de Fontanille e Zilberberg (2001).

Vimos que, de acordo com a proposta desses autores, a passagem da paixão à indiferença pode se dar de duas formas: ou pela negação do amor ou pela negação do ódio. No entanto, após a aplicação do modelo de Pottier, acreditamos que seria mais preciso reformular essa problemática nos seguintes termos: a negação da paixão (passagem de paixão a ~paixão), que deflagra o movimento em direção à indiferença, pode se dar a partir da negação do ódio ou da negação do amor, suas subdimensões, e cuja dinâmica foi tratada num quadrado de outra geração. Formulada dessa forma, a interpenetração das diferentes gerações de oposições entre termos complexos ganha em clareza. Passemos aos demais exemplos.

A melodia

Passemos para nosso exemplo do plano da expressão, a categoria englobante “melodia”. Como já vimos, partindo da proposta de Tatit (1997), essa categoria se organiza da seguinte maneira:



Nos termos de Pottier (1981), sua dinamização se daria conforme o seguinte esquema:

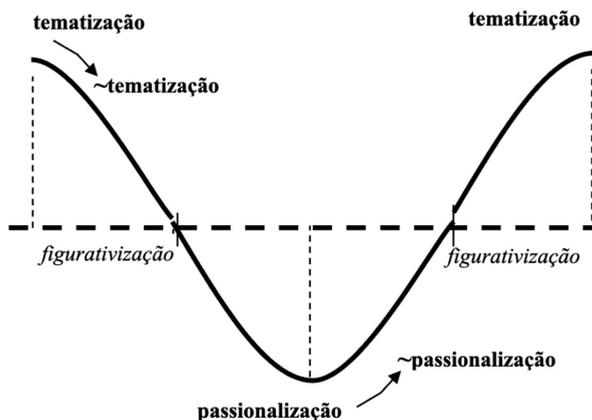


Figura 8 – O modelo de Pottier aplicado à canção – primeira geração

Ao negarmos a *tematização*, deixamos seu domínio, embora a melodia seja ainda predominantemente tematizada ($\alpha > \beta$). Ao atingir o ponto em que $\alpha = \beta$, temos um equilíbrio de ambos os domínios. Nessa medida, a *figuratização* seria um sincretismo entre *tematização* e *passionalização*, o que gera alguma instabilidade, na medida em que são arranjos opostos da expressão melódica, cuja resolução depende da direção assumida pelo percurso. Tendo como ponto de partida a negação da *tematização*, sua resolução se dará em algum ponto da zona em que a melodia é predominantemente passional (e inversamente). A partir do ponto médio, passamos, então, à dominância da melodia passional.

Retornando aos exemplos já citados, no caso da canção “Conversa de botequim”, de Noel Rosa, teríamos um exemplo claro de *figuratização* em que há o equilíbrio dos elementos temáticos e passionais (embora haja ainda alguma predominância temática). Já a canção “Pedra bruta”, de Jorge Mautner, nos mostra uma melodia figurativizada, porém não completamente, na medida em que se faz presente uma forte tendência tematizante. Na Figura 8, ela poderia ser representada muito próxima ao termo médio *figuratização*, porém ainda na zona em que há dominância da *tematização*.

A *fala*, nesses termos, é a negação de ambos os domínios melódicos – *tematização* e *passionalização* –, e, portanto, é o termo neutro que num quadrado da próxima geração figuraria como o contrário do termo *melodia*.

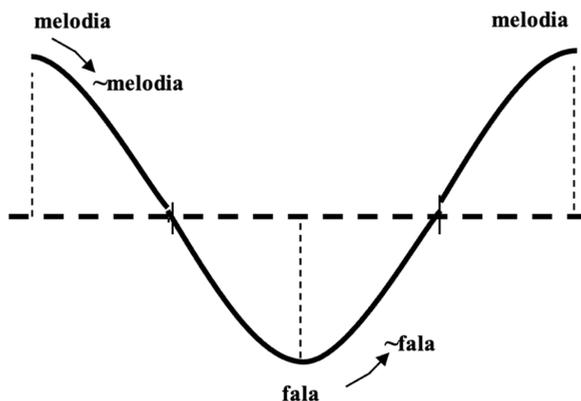


Figura 9 – O modelo de Pottier aplicado à canção – segunda geração

Semelhante ao que foi exposto no exemplo precedente, podemos explicitar a relação entre as diferentes gerações de termos complexos da seguinte maneira: a negação da dimensão *melodia* (passagem de *melodia* para *~melodia*), que nos colocará em rumo ao polo *fala*, pode se dar tanto pela negação da subdimensão *tematização* quanto da *passionalização*. Da mesma forma, a negação da *fala* (passagem de *fala* para *~fala*) pode ser fruto da negação da ausência de quaisquer dessas subdimensões. No esquema da segunda geração, deparamos mais uma vez com problemas terminológicos, já que não encontramos léxico apropriado seja para o termo médio entre *melodia* e *fala*, seja para sua categoria englobante (ou termo complexo).

Apontamos no início para o fato de que a diferença entre o que denominamos termo médio – o ponto em que há o equilíbrio da presença de ambos os fúntivos dentro de uma categoria – e o termo complexo – em que há a presença máxima de ambos os fúntivos – é uma questão de grau, da qual decorre a postulação de níveis hierárquicos entre os diferentes termos complexos. Nessa medida, sendo o termo médio da categoria *melodia* a *figurativização*, fica patente que, no caso da canção popular, o suporte melódico parte sempre de uma forte base entoacional. Essa foi, desde o início, a tese de Luiz Tatit (2002, p. 11), para quem “o cancionista decompõe a melodia com o texto, mas recompõe o texto com a entoação”, e que essa argumentação só vem a corroborar.

Além do mais, ao submeter a categoria *melodia* a um modelo que prevê graduações, podemos visualizar, ou mesmo explicitar com clareza, o fato de que as melodias dificilmente se apresentam de forma pura, isto é, plenamente tematizadas, passionalizadas ou figurativizadas. De fato, o que detectamos são dominâncias entre tais “modos” melódicos. Nas palavras de Tatit (1998, p. 130, grifo do autor):

A presença simultânea da tematização, da passionalização e da figurativização no mesmo campo sonoro e o revezamento de dominâncias de um processo sobre o outro constituem o projeto geral da dicção do cancionista.

Para finalizar, é importante atentarmos para um fato que, mesmo que óbvio, pode criar alguma confusão. O modelo anteriormente proposto visa explicar o estatuto teórico da sintaxe que integra as categorias semânticas fundamentais.

Assim, analisamos como é feito o percurso entre termos contrários, cuja complexificação e neutralização criarão, por sua vez, os termos contrários de geração seguinte. Isso não implica, no entanto, que a realização dessas relações em um texto contemple, necessariamente, todas as etapas teoricamente previstas. Um caso ilustrativo do que estamos dizendo é o da canção “Garota de Ipanema”, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Se a primeira parte de sua melodia é claramente tematizada, a segunda é claramente passional, já que a passagem de uma para outra não se dá de forma gradual. Nesse exemplo, concentração e aceleração são negadas simultaneamente e de uma só vez.

As modalidades veridictórias

O quadrado das modalidades veridictórias pode ser reinterpretado à luz do modelo de Pottier, pois, além de ter importância inegável nos estudos semióticos, tem a vantagem de apresentar os termos da segunda geração lexicalizados e operacionais.

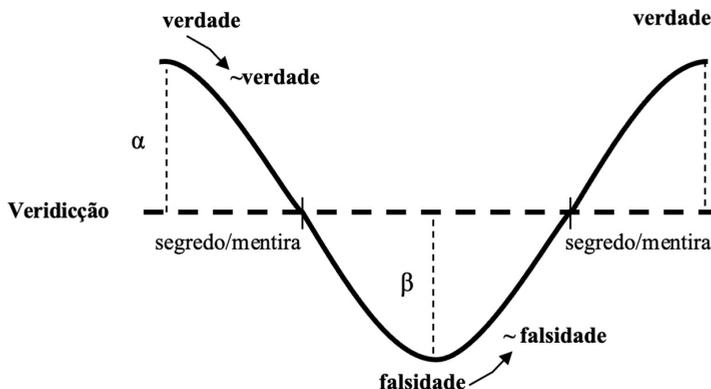


Figura 10 – O modelo de Pottier aplicado à veridicção – segunda geração

Seguindo a tradição do quadrado das modalidades veridictórias, a negação da *verdade* (passagem de *verdade* a *~verdade*) pode se dar pela negação do *ser*, lexicalizada como mentira, da mesma forma que pela negação da subdimensão *parecer*, denominada segredo. Embora tais termos não tenham sido originariamente concebidos como “passagens” e sim como “estados”, estamos convencidos da pertinência de uma descrição dinâmica das transformações que se processam no interior da categoria veridictória, adequando-a, desse modo, a uma perspectiva gradual.

PARA FINALIZAR

É importante ressaltar que os esquemas teóricos anteriormente propostos não se desviam de uma questão considerada essencial para Greimas: a memória. Tanto na argumentação de Fontanille e Zilberberg quanto no esquema de Pottier, a memória é fator decisivo na orientação do movimento. Cada ponto do percurso anteriormente descrito guarda em si as marcas da cadeia sintagmática da qual faz parte. Da mesma forma que a *conjunção* (ter algo) distingue-se da

não disjunção (conservar algo) exatamente por levar em conta o “histórico da posse” do *objeto*, sabemos que a negação do *ser* implicará uma movimentação em direção ao *parecer*, do mesmo modo que um estado de paixão se resolverá tendendo ao ódio caso tenha sido atingido pela negação do *amor*.

Uma vantagem adicional do modelo de Pottier é o fato de apontar caminhos para que possamos compreender melhor o intrincado jogo entre os termos complexos (e neutros) de diferentes gerações, o que lança uma nova luz no que concerne à hierarquização implicada nos processos de significação.

DYNAMIZATION AS A VALUE IN BERNARD POTTIER'S MODEL

Abstract: The article aims to highlight the relevance of some hypotheses formulated by Bernard Pottier (1981) on the dynamic nature of the internal relationships of the semiotic square, in which he proposes a syntax involving two points and two intervals. By incorporating intervals, this model seems particularly effective for dealing with gradation, i.e. transition states, and with the memory of the path between two points, which relates to Hjelmlev's (2009) analysis by dimensions. To demonstrate its analytical productivity, we apply the model to veridictory modalities and passions, in terms of content, and melody, according to Tatit's model, in what regards the plan of expression.

Keywords: Semiotics. Degrees. Pottier's model. Song. Veridictory modalities.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. Contrato de veridicção: operações e percursos. *Estudos Semióticos (on-line)*, v. 18, n. 2, p. 23-45, 2022.
- BLANCHÉ, R. *Structures intellectuelles*. Paris: J. Vrin, 1967.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial, Humanitas, FFLCH, 2001.
- GREIMAS A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LOPES, M. *Modèles inductifs de la sémiotique textuelle*. 2002. Tese (Doutorado) – Université de Paris X, Paris, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- POTTIER, B. Du carré sémiotique “flou” au cycle. *Bulletin du Groupe de Recherche Sémio-linguistique*, Nancy, n. 17, p. 16-19, 1981.
- POTTIER, B. *Sémantique générale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- TATIT, L. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- TATIT, L. *O cancionista*. São Paulo: Edusp, 2002.
- TATIT, L. Elementos para a análise da canção popular. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 1, n. 2, p. 7-24, 2003.